



“Educação como prática de Liberdade”:
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10031 - Resumo Expandido - Pôster - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT02 - História da Educação

IMAGENS DA ESCOLA “REPUBLICANA” NO ESPÍRITO SANTO: A FOTOGRAFIA
COMO FONTE PARA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO CAPIXABA (1908-1928)

Clara Zandomenico Malverdes - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

**IMAGENS DA ESCOLA “REPUBLICANA” NO ESPÍRITO SANTO: A
FOTOGRAFIA COMO FONTE PARA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO CAPIXABA
(1908-1928)**

Resumo:

Este trabalho propõe uma reflexão teórico-metodológica para o uso da fotografia como fonte de pesquisa para a História da Educação capixaba. Apresentamos aqui as primeiras impressões sobre o estudo e o levantamento das fontes fotográficas presentes no Arquivo Público do Estado do Espírito Santo. Com referencial “ginzburniano” acreditamos e apostamos que por meio do cruzamento das diversas fontes, de maneira especial de fotografias, sejam viabilizadas novas ferramentas interpretativas para investigar processos de construção e de transformação da forma escolar e cultura no período republicano.

Palavras-chave: Fotografia; História da Educação; Espírito Santo.

Introdução

Pesquisar sobre a história da educação no Brasil e de modo especial, a história da educação capixaba compreende buscar entender sujeitos, a estruturas, modos de organização e de funcionamento de instituições escolares, em tempos históricos diversos nos quais se produzem as condições de existência no plano material e simbólico. Nessa linha de pensamento, tomando como recorte temporal os anos introdutórios da República no Brasil, este estudo explora possíveis usos da fotografia como fonte privilegiada de análise em estudos históricos sobre a educação no Espírito Santo.

As reflexões propostas a seguir resultam, em grande parte, de trabalhos de investigação desenvolvidos desde a minha trajetória no mestrado, quando problematizei a questão do “analfabetismo visual”^[1] no âmbito do ensino de história nos anos iniciais do ensino fundamental. Dessa forma, entendo que o contato com a narrativa produzida com base em análises de diferentes fontes de pesquisa, tendo como foco principal a fotografia, pode evidenciar aspectos até então desconhecidos a respeito da educação.

O uso das fontes constitui, sem dúvida, uma das reflexões mais importantes e sempre requer

atenção especial por parte de historiadores e historiadoras. A pertinência, abrangência e o aprofundamento do estudo crítico de um corpus documental, condicionam o caráter científico atribuído a pesquisas efetuadas no campo da História da Educação. Com isso em mente, analisarei possibilidades teórico-metodológicas para o uso da fotografia como fonte de pesquisa na compreensão da História da Educação capixaba.

A fotografia como fonte histórica

Ao levantarmos questões referentes à reflexão sobre a fotografia, procuramos educar o olhar no sentido de perceber que a mesma pode produzir diversas mensagens em diferentes contextos. Como afirma Mauad (2005, p.142): “Na verdade é a competência de quem olha que fornece significados à imagem”.

Peter Burke (2004), por outro lado, chega a evidenciar um analfabetismo visual na utilização das fontes fotográficas, no que diz respeito aos historiadores, ao dizer que nossa educação, tanto na escola quanto na universidade, foi um treinamento para a leitura de textos escritos.

[...] Quando utilizam imagens, os historiadores tendem a tratá-la como meras ilustrações, reproduzindo-as nos livros sem comentários. Nos casos em que as imagens são discutidas no texto, essa evidência é frequentemente utilizada para ilustrar conclusões a que o autor já havia chegado por outros meios, em vez de oferecer novas respostas ou suscitar novas questões (BURKE, 2004, p. 12).

Dessa maneira, fotografias passam a ser retiradas do seu contexto funcional, perdendo o seu poder comunicativo na medida em que são utilizadas por pesquisadores para "ilustrar" narrativas escritas, geralmente com o mínimo de informação em legendas. Assim, ao utilizarmos a fotografia como fonte para a história da educação, faz-se necessário um estudo antecipado, de cunho teórico-metodológico sobre a mesma, pois a sua interpretação, compreende múltiplas abordagens pautadas em construções humanas de mensagens não verbais.

Conclui-se, portanto, que evidências históricas e imagens são constituídas por investigações de sentido, e a fotografia pode ser um indício ou documento para a produção de uma narrativa, um texto, um ícone ou um monumento para (re)interpretar o passado.

Percurso Metodológico

A partir da compreensão sustentada por Bloch (2001) e Ginzburg (1989) a respeito de documento, apostamos na busca por vestígios e pistas que nos forneçam informações para a escrita da história em contextos pesquisados. Como afirma Bloch (2001, p. 73):

[...] Quer se trate das ossadas emparedadas nas muralhas da Síria, de uma palavra cuja forma ou emprego revele um costume, de um relato escrito pela testemunha de uma cena antiga [ou recente], o que entendemos efetivamente por documentos senão um ‘vestígio’, quer dizer, a marca, perceptível aos sentidos, deixada por um fenômeno em si mesmo impossível de captar? [...].

Nesse cenário das fontes historiográficas, cabe ao historiador como afirma Marc Bloch, reconhecer todos os indícios como fonte e interpretá-los, entendendo que “[...] os documentos arqueológicos, mesmo os aparentemente mais claros e mais complacentes, não falam senão quando sabemos interrogá-los” (2001, p.79). No que se refere ao levantamento das fontes em relação à História da Educação no Espírito Santo, trata-se de explorar e investigar tanto os documentos garimpados como também a possível escassez de fontes. Assim, a presente pesquisa pretende localizar e analisar fontes até então “negligenciadas” ou, até o momento, não encontradas.

Em um levantamento preliminar que realizamos com o objetivo de selecionar as fotografias produzidas no período de grandes reformas educacionais no Espírito Santo na primeira

metade do século XX, analisamos o acervo fotográfico do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo (APEES).

O APEES foi criado pelo Presidente do Estado, Jerônimo Monteiro que dava especial atenção à documentação produzida no seu governo, com a intenção de registrar e emoldurar o processo de modernização republicana no Espírito Santo. Criou, para tanto, via Lei nº 559, de 18 de julho de 1908, o “Arquivo Público Espírito-Santense” que hoje conta com aproximadamente 11 fundos documentais preservados em caráter definitivo, em função do seu valor comprobatório ou informativo. NO APEES encontramos várias coleções de fotografias, dentre elas o nosso *corpus* documental que se refere à coleção Jerônimo Monteiro, cuja data-limite é 1908-1916, na qual destacamos 55 itens referentes à História da Educação no Espírito Santo.

Análises preliminares: possibilidades metodológicas

Nossas análises iniciais apontam que, no período investigado, os usos da fotografia expressaram um meio de propaganda dos ideais reformadores republicanos. Nesse sentido, as fotografias representariam uma “vitrine capixaba” da modernização na qual a instrução pública se destacava como elemento essencial para a construção do progresso da nação brasileira.

Com referencial “ginzburgiano” apostamos que por meio do cruzamento de fontes diversas, em especial as fotografias, sejam viabilizadas ferramentas interpretativas para a análise e para a compreensão de processos de construção e de transformações da forma escolar e da cultura no Espírito Santo entre 1908 e 1916. . Para tanto, como observa Ginzburg (1989, pág. 144) torna-se “[...] necessário examinar os pormenores mais negligenciáveis [...]”, para que, por meio do método indiciário possamos aprofundar análise e interpretações acerca da educação capixaba no período investigado. Nesse percurso, pretendemos explorar possibilidades do uso de fotografias, para interrogar, a partir dessas fontes, permanências e discontinuidades que permeiam a história da educação no Espírito Santo

Considerações possíveis

As ideias e reflexões aqui apresentadas se basearam em inquietações que vão orientar a composição da pesquisa para compreender e interrogar os usos de imagens fotográficas como fonte para a escrita da história. Nesse sentido, levamos em conta múltiplas proposições embutidas na iniciativa de consumir as imagens e agenciar seus usos e funções sociais. Enfatizamos, também, que sentidos plurais atribuídos à fotografia exigem cuidados teóricos referentes a estratégias de análise e a necessidade de se referenciar a historicidade que produz essa fonte. Aspectos políticos, administrativos, sociais, culturais, econômicos e as dinâmicas que envolvem as instituições em uma sociedade, por exemplo, são elementos que mobilizarão nossas discussões em torno da pesquisa.

Acreditamos que o princípio do estranhamento exposto por Ginzburg (2001) define, em parte, a nossa proposta de operação historiográfica. Para o autor por meio desse estranhamento “[...] é possível superar as aparências e alcançar uma compreensão mais profunda da realidade (pág.36)”. Entretanto, não basta só olhar, é fundamental estranhar, ou “[...] apresentar as coisas como se vistas pela primeira vez (pág.37)”. As fotografias nos permitem conhecer por ângulos não habituais relações sociais e experiências passadas, revelando-se no presente sua alteridade.

Referências

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar

Editor, 2001.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: história e imagem. Florianópolis: Edusc, 2004.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. **Olhos de madeira**: ensaios sobre a distância. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MAUAD, Ana Maria. **Na mira do olhar**: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. An. mus. paul. [online]. 2005, vol.13, n.1, pp.133-174.

MAUAD, Ana Maria; LOPES, Marcos Felipe de B. História e Fotografia. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (Orgs). **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

[1] Por “analfabetismo visual” compreendemos a utilização de imagens como meras ilustrações que são frequentemente reproduzidas para ilustrar conclusões, em vez de oferecer novas respostas ou suscitar novas questões (Peter Burke, 2004).